

XXXII

NUMA CIDADE CELESTE

Quando Joaquim Pires desencarnou, crente sincero e praticante assíduo que fora do Evangelho, procurou, incontinentemente, as portas do céu. Combatera as próprias paixões, distribuira benefícios sem cogitar de recompensa, humilhara-se em favor dos outros, sempre que as circunstâncias lhe aconselhavam serenidade e renúncia.

Em suma, Joaquim fora um homem bom. Todavia, como vivemos sobremaneira distanciados das criaturas perfeitas, andava preocupado com a ideia de repousar no paraíso. Não tivera ocasião de provar-se em testemunhos reconhecidamente difíceis e angustiosos. No entanto, acariciava o propósito de anestesiar-se no "outro mundo". Queria descansar, esquecer, embriagar-se no êxtase divino...

"Morreu", por isso, sem receio algum. Despediu-se, quase contente, dos familiares. Parecia andorinha humana, no júbilo de buscar a primavera noutras paragens. E, com efeito, tantos méritos detinha consigo, que prodigioso fio de luz assinalava-lhe o caminho, desde o túmulo até as portas de uma cidade resplandecente.

Aí chegado, Joaquim, premido pela emoção, empalidecera de regozijo. Enlevado, notou que, lá dentro, havia felicidade e luz, mas inequívocos sinais de trabalho também... Ruídos de atividade salutar e sons de campainhas inquietas alcançaram-lhe os ouvidos surpresos.

Antes de se entregar a maiores perquirições íntimas, simpático mensageiro veio recebê-lo no limiar.

— E' aqui o paraíso? — inquiriu à maneira do sertanejo bisonho que visita grande metrópole pela primeira vez.

— Sim — informou o interpelado, gentilmente — estamos numa cidade celestial.

— Quer dizer, então, em boa geografia, que já não respiramos a atmosfera da carne... — tornou o recém-chegado, hesitante.

— Não tanto — esclareceu o enviado fraterno.

De tímpanos aguçados, Pires registou a chamada dos clarins de serviço e considerou, tímido:

— Meu amigo, que eu não sou mais do número dos "vivos"...

O outro completou-lhe a frase reticenciosa, asseverando:

— Não padece qualquer dúvida...

— Mas — prosseguiu o "morto" adventício — trabalham, ainda, aqui?

— Muíto.

— Há, nesta cidade, horários, distribuição de tarefas, responsabilidades individuais, disposições de lei, lutas e conflitos?

O mensageiro esboçou expressivo gesto de complacência e observou:

— Acredita que a morte da carne, mero fenómeno da natureza, purifique o espírito milagrosamente? Temos enorme serviço a fazer. E o repouso para nós é lição, reparo ou estímulo. Nossa felicidade não se cristalizaria em altares imóveis.

— Oh! — clamou Joaquim, aflito — a justiça ensinava-me no mundo que há um paraíso para os bons e um inferno para os maus.

— E você — interrogou o companheiro, intencionalmente — se julga perfeitamente bom?

— Não — respondeu Pires com humildade não fingida, — sou um pecador, bem o reconheço; contudo... francamente, não admitia houvesse tanto serviço após o sepulcro.

— Suporá inoportuno e intempestivo nosso propósito de luta e solidariedade, melhoria e reconstrução.

ção? quem não é infinitamente bom, deve amparar quem não é infinitamente mau. E' imprescindível atender aos imperativos da vida. Só Deus é o Absoluto.

— Sim, compreendo... — resmungou Joaquim, descorçoado, — todavia, sonhava com a paz perpétua.

E continuou:

— Existem aqui chefia e subalternidade?

— Perfeitamente.

— Servidores melhores e piores?

— Sim, em mais elevado padrão de justiça e aproveitamento.

— Há estudos e provas, especializações e obrigações?

— Muito além dos ensaios que efetuamos na Terra...

— Há probabilidades de erro e dúvida, discussão e negação?

— Em todas as rotas de ação, porque o livre arbítrio da alma evolvida é naturalmente chamado a cooperar na estruturação dos destinos, com a supervisão da Vontade de Deus.

— Consequentemente — prosseguiu Joaquim, — há reparações e punições, desequilíbrios e dificuldades.

— Exatamente. Você não ignora que onde o erro é possível deve existir recurso para a corrigenda.

O recém-desencarnado meditou, meditou e aduziu:

— Procuro o repouso inalterável... Quem sabe resplandece em esfera mais elevada o céu que busco?

— Assim não é — disse-lhe o interlocutor. Quanto mais alto subir, mais trabalho encontrará, embora em condições diferentes.

Pires sentou-se, apalermado, sob indizível abatimento.

O emissário fixou um gesto de bom humor e acentuou com clareza:

— Parece-me que o paraíso, sonhado por você, é o éden da espécie "limax arborum". Essas criaturas, que no fundo são igualmente filhas de Deus, organizam o próprio lar, através de folhas e flores. Aquietam-se e dormem descansadas sob a claridade do firmamento. Nada perguntam. Não riem, nem choram. Desconhecem os enigmas. Não sabem o que vem a ser aflição ou dor de cabeça. Alimentam-se daquilo que encontram nas árvores preciosas da vida. Ignoram se há guerra ou paz, dificuldade ou pesadelo entre os homens. Vivem alheias aos dramas biológicos, aos conflitos espirituais e, se um cataclisma fulminasse o Universo em que nos achamos, não registariam grandes diferenças...

— Oh! — gritou Joaquim, repentinamente entusiasmado — quem são esses seres privilegiados?

— São as lesmas — esclareceu o emissário, sorrindo, — e se você descer suficientemente encontrará o paraíso delas...

Joaquim modificou a expressão facial e, embora consternado, quando ouviu falar em lesmas, resolveu entrar.